



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**FACULDADE DE LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES – FALLA**  
**GRADUAÇÃO EM LETRAS-PORTUGUÊS**

**MIRELE ANANIAS DA SILVA**

**A ESPETACULARIZAÇÃO DO PODER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA  
DA SEXUALIZAÇÃO DA IMAGEM E DO DISCURSO POLÍTICO**

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**2024**

MIRELE ANANIAS DA SILVA

**A ESPETACULARIZAÇÃO DO PODER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA  
DA SEXUALIZAÇÃO DA IMAGEM E DO DISCURSO POLÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado como requisito para obtenção do título de Graduada em Letras, habilitação Língua Portuguesa, pela Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA), da Universidade Estadual da Paraíba.

**Área de concentração:** Análise do Discurso

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria Augusto Pereira (UEPB)

CAMPINA GRANDE - PB  
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Mirele Ananias da.

A espetacularização do poder [manuscrito] : uma análise discursiva da sexualização da imagem e do discurso político / Mirele Ananias da Silva. - 2024.

26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC. "

1. Análise do discurso. 2. Sexualização de imagem.  
3. Masculinidade. 4. Discurso político. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MIRELE ANANIAS DA SILVA

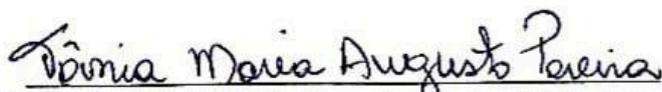
A ESPETACULARIZAÇÃO DO PODER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA  
SEXUALIZAÇÃO DA IMAGEM E DO DISCURSO POLÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras - Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras e Artes (FALLA), da Universidade Estadual da Paraíba/Campus I.

**Área de concentração:** Análise do Discurso

Aprovada em 13/08/2024.

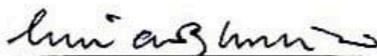
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.ª. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dra. Dalva Lobão Assis  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*"A necessidade anormal de representação  
compensa o sentimento torturante  
de estar à margem da existência"  
(Debord, 1997, p. 164-165)*

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                       | <b>7</b>  |
| <b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>                            | <b>8</b>  |
| 2.1 A espetacularização da política.....                        | 9         |
| 2.2 A imagem pública.....                                       | 10        |
| 2.3 A sexualização do poder e a questão do corpo masculino..... | 12        |
| 2.4 O discurso político.....                                    | 14        |
| <b>3. A IMAGEM PÚBLICA DE LULA SOB ANÁLISE.....</b>             | <b>17</b> |
| 3.1 Uma análise do discurso verbal.....                         | 17        |
| 3.2 Lula's: um comparativo.....                                 | 20        |
| <b>4. À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                   | <b>24</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>25</b> |

## A ESPETACULARIZAÇÃO DO PODER: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA SEXUALIZAÇÃO DA IMAGEM E DO DISCURSO POLÍTICO

### THE SPECTACULARIZATION OF POWER: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE SEXUALIZATION OF THE IMAGE AND POLITICAL DISCOURSE

Mirele Ananias da Silva<sup>1</sup>

#### RESUMO

Nos anos 80, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva consolidou a sua trajetória política nos palanques improvisados nas ruas, seus ideais eram radicais e contemplavam os anseios da classe trabalhadora. Surgia, nesta época, o líder mobilizador de multidões. No entanto, para alçar o cargo de presidente da República, foi exigida uma adequação de imagem que tornasse seu discurso mais ameno e sua aparência mais sóbria, mais próxima à figura de um burocrata. Anos depois, a sua imagem permanece em (re)construção, principalmente pelo avançar da sua idade e pelo espaço em que sua campanha foi investida, nas redes digitais. Esta elipse temporal separa os Lula's mediante os termos "Lula do Velho Testamento" e o "Lula do Novo Testamento", percebe-se, neste último, a sexualização do seu discurso e de sua imagem. Sendo assim, este artigo apresenta a seguinte questão de pesquisa: que sentidos sobre a sexualização são produzidos a partir das fotografias e das declarações de Luiz Inácio Lula da Silva, comparando a construção da sua imagem dentro de uma trajetória política de, pelo menos, 40 anos? E objetiva analisar o discurso sobre a sexualidade presente nas fotografias e declarações de Luiz Inácio Lula da Silva nas redes digitais, visando compreender o funcionamento deste dispositivo na construção da sua imagem. A pesquisa busca de maneira específica verificar as circunstâncias para o surgimento do discurso do então presidente da República e comparar o(s) sentido(s) acerca da sexualização manifestados no discurso de Lula, observando sua relação com os ideais de jovialidade e virilidade. O *corpus* desta pesquisa é composto por duas fotografias e duas declarações produzidas pelo então presidente nas redes digitais, como *Twitter* e *Instagram*. Desse modo, o discurso sobre sexualização se constitui enquanto um dispositivo ímpar para demonstrar que ainda está jovem, saudável e, portanto, qualificado, para exercer o cargo de presidente da República.

**Palavras-chave:** análise do discurso; sexualização de imagem; masculinidade; discurso político.

#### ABSTRACT :

In the 80's, the then president Luiz Inácio Lula da Silva consolidated his political trajectory on the streets' improvised platforms, his ideals were radical and contemplated aspirations of the working class. At this time, the mobilizing leader of crowds emerged. However, to rise to the position of Republic President, it was required an image adequacy that would make his speech milder and his appearance more sober, closer to the figure of a bureaucrat. Years later, his image remains in (re)construction, mainly due to the advancement of his age and the space in which his campaign was invested, in digital networks. This temporal ellipse separates the Lulas through the terms "Old Testament Lula" and "New Testament Lula", it is noticed, in the latter, the sexualization of his discourse and image. Thus, this article presents the following research question: what meanings about sexualization are produced from photographs and statements of Luiz Inácio Lula da Silva, comparing the construction of his image within a political trajectory of at least 40 years? And aims to analyze the discourse about sexuality present in photographs and statements of Luiz Inácio Lula da Silva on digital networks, aiming to understand the functioning of this device in the construction of his image. The research specifically seeks to verify the circumstances for the emergence of the speech of the then Republic President and compare the meaning(s) about sexualization manifested in Lula's speech, observing its relationship with the ideals of joviality and virility. The corpus of this research is composed by two photographs and two statements produced by the then president on digital networks,

---

<sup>1</sup> Graduanda do nono período em Letras - Língua Portuguesa, UEPB. E-mail: [mirele.ananias.333@gmail.com](mailto:mirele.ananias.333@gmail.com).

such as Twitter and Instagram. Therefore, the discourse about sexualization constitutes a singular device to demonstrate that he is still young, healthy and, thus, qualified to exercise the position of Republic President.

**Keywords:** discourse analysis; image sexualization; manhood; political discourse

## 1. INTRODUÇÃO

A linguagem constitui um papel importante na representação de mundo, compondo-se como uma ferramenta social, expressiva e provida de significados. Historicamente, discute-se a sua relevância na evolução humana, na construção do homem como ser social, mas a linguagem valorizada, muitas vezes, é somente a verbal, a escrita. Sendo assim, menospreza-se a nossa fonte primordial de conhecimento acerca da nossa própria existência e referencial de mundo, além de desconsiderar os fatores ideológicos ligados à ela e ao indivíduo que a interpreta, a linguagem não verbal.

Além disso, considerando os aspectos ideológicos atrelados a linguagem, que foram estudados primordialmente no discurso verbal dentro do campo da Análise do Discurso (AD), percebemos que em decorrência das constantes transformações nessa área, uma outra materialidade discursiva passou a ser objeto de interesse para alguns estudiosos, o não verbal. Michel Foucault observava o enunciado, isto é, o que compõe o discurso, não apenas como verbal, mas como algo que pode se materializar, também, em linhas visuais, imagéticas. A imagem aparece como um objeto que possibilita a análise integral dos discursos dentro da AD, visto que, os gestos, o comportamento, as cores, as posições, as roupas etc, que são elementos observáveis, atuam dentro de um espaço de construção composicional de sentidos.

Segundo Gomes (2004), a política contemporânea é orquestrada como um grande espetáculo, cujos atores são políticos-personagens que moldam a sua imagem pública para atingir os ideais e as expectativas do seu público de eleitores. Desse modo, a AD permite a assimilação integral entre os elementos que compõem a aparência física do sujeito político, assim como os elementos simbólicos da sua imagem. É possível analisar o discurso a partir de uma análise minuciosa das materialidades visuais e dos efeitos de sentidos que eles podem provocar. Neste trabalho, também analisamos a sexualização do discurso e sua representação histórica, cultural e/ou ideológica, na compreensão do discurso político em suas diferentes linguagens.

A imagem, entendida como aquela que se revela sem o uso de palavras, configura-se como um aparato ideológico que norteia a nossa existência. O jogo político é pautado pela forma meticulosa com a qual cada elemento da aparência de um candidato é pensado, oscilando tanto entre a escolha de uma simples lente de contato até os procedimentos estéticos invasivos, e da sua fala, alternando entre o discurso da moralidade até o discurso intencionalmente desapropriado.

A adequação da aparência e do discurso na política são fundamentados por uma outra lógica de poder, a da sexualidade, tendo em vista que ela é guiada por um ideal de jovialidade, de virilidade, que suscita a excitação, a atração, através de elementos sutis, como a vestimenta, a iluminação, o ângulo. Não é à toa que algumas figuras pertencentes ao Executivo brasileiro, nesse caso, especificamente, o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, objeto de estudo da nossa pesquisa, aparece em algumas fotografias acessíveis na internet com uma fisionomia viril, marcada pela sensualidade e jovialidade, cumprindo apenas um propósito, o de ratificar o poder.

Diante de um cenário pautado por campanhas cada vez mais digitais, é crucial identificar o papel da imagem, enquanto elemento essencial dentro de uma campanha eleitoral. Desse modo, o estudo discursivo se justifica pela possibilidade de analisar os

discursos proporcionados pelos recursos visuais, mais especificamente as marcas de sexualidade apresentadas nas fotografias do presidente Lula, e como tais marcas, também presentes no discurso verbal, podem representar o poder de mobilizar o jogo político.

A proposta desta pesquisa parte do interesse de investigar como a linguagem verbal e não verbal associada à sexualidade se constroem como elementos significativos e imprescindíveis no fazer político. Com isso, a partir da nossa análise, pretendemos responder o seguinte questionamento: a) que sentidos sobre a sexualização são produzidos a partir das fotografias e das declarações de Luiz Inácio Lula da Silva, comparando a construção da sua imagem dentro de uma trajetória política de, pelo menos, 40 anos?

Para responder tal questionamento, elencamos como objetivo geral: analisar o discurso sobre a sexualidade presente nas fotografias e declarações de Luiz Inácio Lula da Silva nas redes digitais, visando compreender o funcionamento deste dispositivo na construção da sua imagem. Especificamente, postulamos dois objetivos: a) verificar as circunstâncias para o surgimento do discurso do então presidente da República; b) comparar o(s) sentido(s) acerca da sexualização manifestados no discurso de Lula, observando sua relação com os ideais de jovialidade e virilidade.

Adotamos, como processo metodológico, a análise das imagens e dos discursos do atual presidente, presentes nas suas publicações realizadas nas redes digitais, associando a sua relação com a sexualização e demonstração de poder, a partir das produções de sentidos possibilitados pelos elementos estrategicamente representados. Para isso, torna-se necessária a realização de uma pesquisa documental, considerando que estamos analisando fotografias e transcrições de entrevistas orais, adotados como nossos documentos. Esta classificação foi determinada segundo o argumento de Gil (2002, p. 45) ao formular que “ a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”.

Para a coleta de dados, foi feita uma seleção de duas fotografias, a primeira delas mais atual, baixada do *Twitter*, no perfil oficial da primeira dama @JanjaLula; já a segunda foi retirada da revista *Lampião da Esquina*. Um dos enunciados verbais, por sua vez, foi coletado no *Instagram*, no perfil oficial @lulaoficial, através de um vídeo publicado logo após a libertação do Lula; enquanto o outro foi feita a transcrição de um enunciado específico presente na *Live* “Conversa com o Presidente”, gravada no dia 27/09/2023, e salva na plataforma digital do *YouTube*. Ademais, esta pesquisa é de abordagem qualitativa e interpretativa, tendo em vista que realizamos uma análise minuciosa do nosso *corpus*, pretendendo nos aprofundar na razão pelo qual os fenômenos imagéticos e sexuais representam tamanha relevância na construção de efeitos de sentido dentro do âmbito político.

Para atender aos objetivos de pesquisa, este estudo está organizado da seguinte forma: quatro tópicos de fundamentação teórica, voltado à espetacularização da política; à imagem pública; à sexualização e ao corpo masculino; e ao discurso político; um tópico referente à análise do *corpus*; e, por fim, as considerações finais.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O arcabouço teórico utilizado para fundamentar esta pesquisa se encontra amparado por estudiosos, como Debord (1997) e Gomes (2004), que objetivaram analisar e compreender a construção das sociedades midiáticas contemporâneas, principalmente do *fazer político*, por meio dos aparatos dispostos pela mídia, em que se discute o entrecruzamento de encenações com a realidade, a construção de uma imagem pública, a transformação da imagem em mercadoria e o processo de alienação mediante o consumo dessas mercadorias. Estudiosos como Foucault (1989; 1993; 1996) e Bourdieu (1989; 2005) respaldam a nossa

discussão sobre sexualidade e as relações de poder envolvidas na regulação desse dispositivo histórico, que podem ser observadas dentro de um sistema pautado pela “dominação masculina”. Autores como Courtine (2002; 2003) e Piovezani (2007; 2009) embasaram nossas discussões sobre o discurso político e a importância do corpo como massa expressiva e instrumento essencial em uma campanha eleitoral.

## 2.1 A espetacularização da política

*A sociedade do espetáculo*, livro de Guy Debord (1997), desvela o amplo fascínio suscitado nos sujeitos, pelas simulações, por representações imagéticas, circulantes na contemporaneidade. Nesse cenário, vivencia-se o que podemos chamar de sociedade de consumo, na qual o espetáculo torna tudo mercadoria e a apresenta como “algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível” (Debord, 1997, p. 17), criando novas formas de atrair e converter consumidores em espectadores.

Diante disso, o espetáculo é o convite para o consumo de mercadorias pela aparência, em que “o que é bom aparece, o que aparece é bom”, concedendo relevância à efemeridade das nossas escolhas, na qual passamos a decidir pela “imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser” (Debord, 1997, p.13), demonstrando, assim, preferência pelas representações que se apresentam como fascinantes e sedutoras do que o mundo real em si.

Além de nos atermos aos estudos desenvolvidos por Debord (1997), também fundamentamos as concepções abordadas por Gomes (2004), no seu livro *Transformações da política na era da comunicação em massa*, em que se discute o valor da imagem dentro de um cenário espetacular, no qual figuras políticas configuram-se, atualmente, como figuras personalistas, além de esclarecer como a acomodação da política à lógica midiática compõe o que ele caracteriza por “a espetacularização da política”.

Segundo o autor, o universo político corresponde a uma encenação, marcado pela sua semelhança com o espetáculo, que se apresenta para o público “mediante uma grande variedade de enredos, por meio de múltiplos personagens constituídos e conduzidos, por arte, através de falas, cenários, antagonismos e protagonistas, peripécias e desenlaces.” (Gomes, 2004, p. 178). Diante desse cenário político descrito, o autor aponta três fenômenos diferentes para esclarecer a associação entre os dois termos, política e espetáculo, são eles: *a política em cena*, nesse contexto cênico, atribui-se papéis aos participantes, de um lado haveria os atores do espetáculo (atuação e exibição) e, do outro, os seus espectadores (observadores passivos). Nessa perspectiva, entende-se a relação de dependência estabelecida entre a política contemporânea e os meios de comunicação, que atuam como palco para o *show*, para o exibicionismo político, no qual os agentes atuam como produtos da indústria do espetáculo prontos para serem consumidos pelos seus espectadores.

O segundo fenômeno, *a dramaturgia política*, contempla o aspecto teatral como o seu destaque, constituindo-se através de representações dramáticas, com os personagens, o roteiro, os papéis e a estrutura narrativa. No campo político, podemos perceber essa composição narrativa por meio de personagens típicos, como "herói, líderes charmosos, pai, salvador da pátria, inimigo do povo", que se encontram em uma situação de "crise e problemas sociais", na qual busca restaurar a "paz e prosperidade" (Gomes, 2004, p. 238) com a ajuda do povo.

Nesse fenômeno irrompe uma particularidade que contradiz a essência das ideias defendidas por Debord. Nele os espectadores não perderiam a consciência de que estão diante de uma encenação. Sendo assim, os estudos de Debord (1997, p. 19) contrapõem essa noção ressaltando o caráter hipnótico do espetáculo, que “não é identificável ao simples olhar,

mesmo combinado com o ouvido. Ele é o que escapa à atividade dos homens.” O espetáculo é promovido a partir da

alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive, quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo (Debord, 1997, p. 26).

Na concepção de espetáculo, traduzida por Debord (1997), ele se apresentaria a partir da instância de pura exibição, aparência, que nos impede de enxergar o que está além dela, nos impossibilitando de enxergar a verdade. Gomes (2004), ao analisar os estudos de Debord (1997), afirma que

uma sociedade do espetáculo é uma sociedade onde a extrema visualidade faria par com a mais completa invisibilidade e o domínio da artificialidade programada desarma a realidade das coisas. O avanço da sociedade do espetáculo faria perder de vista, inclusive, a mesma possibilidade de acesso à autenticidade. Teríamos uma sociedade de coisas sem substância, sem verdade, mas que, por outro lado, constituiu em seu lugar o seu duplo espetacular, as simulações e os simulacros. (Gomes, 2004, p. 241).

Por fim, contempla-se o terceiro fenômeno, *a espetacularização da política*, que traduz o "espetacular" como algo que existe para ser visto, admirado e, como postulado por Debord (1997), consumido. Sendo assim, a cultura contemporânea dominada pela mídia pode ser percebida, segundo Kellner (2001, p.10), como uma pedagogia cultural, que contribui “para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não”. Com isso, o espetáculo da política “seriam as ações e os discursos políticos que não podem deixar de ser vistos”, enchendo os olhos dos espectadores através de “imagens técnicas para ganhar o centro da cena” (Gomes, 2004, p. 240), tornando-se representações imagéticas prontas para o consumo e para controlar o comportamento e a opinião política a partir de identidades forjadas.

Nesse sentido, em uma sociedade político-midiática, pautada pela aparência, pensa-se, neste momento, no corpo do político como objeto central na construção de uma campanha espetacular, visto que ele passa a ser visto como um produto a ser consumido, uma mercadoria, um instrumento político (Courtine, 2002), uma ferramenta de convencimento. Exibe-se o corpo, especificamente o corpo masculino, a partir dos seus traços mais atrativos, juventude e virilidade, que expressa, biologicamente, aquilo que há de mais essencial na natureza humana: o poder.

## 2.2 A imagem pública

Com o advento das transformações no atual discurso político, em virtude da comunicação em massa proporcionada pelas redes digitais e pelos meios televisivos, a imagem da personalidade política passou a atingir uma magnitude de pessoas. Para compreender esse processo, é preciso observá-lo sob a égide do sistema que opera todos os espaços da nossa atual sociedade: o capitalismo. O consumo é a peça chave de manutenção dessa ordem econômica, juntamente com a mercadoria. Debord (1997, p. 34) desvela o efêmero momento de entusiasmo proporcionado pelo consumo, aquisição, daquilo - mercadoria - que mais queríamos consumir. Porém, logo há o sufocamento pela paixão de consumo por um outro objeto. Esse desejo não surge de forma natural, é parte do espetáculo, é

fruto da alienação que transforma o sujeito em sujeito-consumidor, em que confunde-se “bem com mercadoria; satisfação com sobrevivência”.

A espetacularização, no âmbito político, revela o caráter falso das escolhas, orquestrado pelo espetáculo, em que guiados por um mundo de aparências, “de qualidades fantasmagóricas”, “de papéis falaciosos” (Debord, 1997, p. 45), forjados em discurso-mercadorias a serem consumidos, os sujeitos são seduzidos pelas imagens representadas na mídia, nas redes digitais, e são incitados a consumir aquela melhor apresentada, mais próxima de um ideal de perfeição, mesmo que superficial.

Diante de um cenário de imagens idealizadas, Gomes (2004) concebe a imagem mediante dois sentidos, primeiro, o sentido visual - relativo à materialidade - e, segundo, o sentido figurado, metafórico e adjetivado com o termo “pública” - relativo à atribuição de determinadas “informações, noções, conceitos”, disseminados por “uma coletividade”, a um sujeito, nesse caso, a um sujeito público (Gomes, 2004, p. 154). Desse modo, cria-se uma impressão, uma imagem, acerca de um sujeito, pautada na forma como ele se apresenta para um grupo de pessoas.

À vista disso, uma imagem pública pode ser formada a partir de três materialidades: mensagens, fatos e configurações significativas. Isto é, respectivamente, aquilo que é dito pelo sujeito ou sobre o sujeito, aquilo que é feito por ele e “o modo como ele se apresenta: roupas, embalagens, design, arquitetura, logo, símbolos, emblemas, posturas corporais, aparência exterior” (Gomes, 2004, p. 163), ou seja, os elementos que compõem a sua aparência.

A problemática em torno da construção de uma imagem pública, ainda segundo Gomes (2004), e também ratificada por Debord (1997) anteriormente, está no fato de não lidarmos propriamente com a pessoa, porém com ações e discursos orquestrados, teatralizados, pelo indivíduo público para transparecer aquilo que ele almeja parecer ser. Nesse sentido, nos deparamos com a imagem pública de alguém, estamos, na prática, lidando com o seu personagem, com características superficiais daquele indivíduo.

Uma outra propriedade das imagens públicas são a maleabilidade, a possibilidade de poderem ser feitas e depois desfeitas, elas “podem alterar-se para melhor ou pior com relação àqueles a quem pertencem ou mesmo de forma absolutamente independente destes, imagens podem ser construídas, destruídas, reconstruídas num processo sem fim e sem garantias” (Gomes, 2004, p. 161). Essa versatilidade torna possível que o sujeito público consiga alterar a sua imagem para atingir o ideal - aquilo que ele deve conter, o que precisa ser melhorado - e a expectativa - referente ao desejo do que ele pode vir a ser - ansiado, desejado por uma coletividade.

No jogo político espetacular, que privilegia a imagem, os simulacros, cria-se uma política de aparências, na qual a imagem pública adquire poder. Lima (2002, p. 85) afirma que quando políticos vão a um debate, eles “se armam de estatísticas, preparam perguntas capciosas, esmiuçam a biografia dos adversários”, porém, em uma disputa eleitoral midiática, a estratégia mais eficiente para persuadir, fisgar uma audiência “é o grau de segurança que os presidentiáveis passam, a veemência de seus gestos, a simpatia pessoal. Numa palavra, a imagem que conseguem transmitir”.

Nas redes sociais, observamos, de modo mais lúcido, uma política cada vez menos pautada em discursos que revelam a pretensão dos candidatos em relação aos seus cargos, como projetos de governos a longo prazo, mas sim um cenário dominado por discursos chamativos, que reforçam a imagem pré construída dos concorrentes. As eleições de 2018 representam um reflexo pertinente desse fenômeno, cujo presidente eleito fundamentou os seus discursos, principalmente, com falas sexuais que asseguravam a sua masculinidade, o seu poder de liderança e a sua heterossexualidade e, ainda, garantiu a sua vitória distante dos debates oficiais - importante ferramenta para conhecimento do candidato e seus projetos de

campanha. Identificamos, assim, que a imagem política transfigurou-se em mercadoria e passou a ser objeto de consumo, esta que precisa ser moldada para atender os requisitos tanto do espetáculo digital quanto dos espectadores que admiram e consomem os seus personagens políticos.

### 2.3 A sexualização do poder e a questão do corpo masculino

O corpo e a sexualidade têm sido alvos de estudos no ocidente, desde o século XVI, com a teoria essencialista biológica - fortemente influenciada pelo catolicismo e, séculos depois, melhor fundamentada por modernas teorias científicas -, que observavam as diferenças anatômicas entre homem e mulher como fator determinante no seu comportamento e função social, estando este ligado, diretamente, à forma como a sexualidade do sujeito era experienciada. Tal concepção se constroi por meio da oposição entre macho/fêmea, forte/frágil, caçador/cuidadora e, atualmente, aparece refletida nas relações burguesas irrompidas durante a Revolução Industrial com a proposição de papéis sociais pré-definidos. Para as mulheres, ficaram as atividades domésticas e de cuidado com os filhos e, em contraponto, os homens possuíam o espaço público e o controle familiar - provedor.

No século XX, dentro da esfera psicanalítica e antropológica, os estudos quanto ao corpo e a sexualidade não demonstraram um avanço em relação ao binarismo criado homem/mulher, provedor/cuidadora e sua interdependência. O domínio da masculinidade na conjuntura social é sustentado pelo falocentrismo, pontuado por Tilio (2014, p. 06), que afirma que “o pênis/falo é a norma orientadora da vida psíquica e que os homens, por possuírem pênis, possuiriam certas vantagens sobre as mulheres e que as identificações, para serem normais e salutaras, devem seguir um padrão complementar calcado na heterossexualidade”. Dentro dessa perspectiva teórica da psicanálise, surgem os padrões de normalidade e anormalidade, em que o “normal” é pautado pelo comportamento que mais se aproxima da heterossexualidade.

No livro *Nordestino: invenção do “falo”*, de Durval Muniz (2013), o autor discute alguns aspectos relevantes sobre a história do gênero masculino. Apesar de centrar as suas reflexões na figura do homem nordestino, podemos aplicar os conceitos debatidos de modo extensivo no que concerne às perspectivas sobre o gênero e sua polarização. Segundo Muniz (2013, p. 218), o discurso naturalista sobre os papéis de gênero - que justifica a dominação masculina -, não distingue o “ser homem do ser macho”, cujo “comportamento masculino é deduzido de sua natureza, que seria agressiva”. Sob essa ótica naturalista, a virilidade masculina não seria tida como algo imposto ao homem, mas como algo inerente a sua natureza.

Muniz (2013, p. 220) pontua o caráter agônico da masculinidade, em que ela não pode “pertencer a todos”, mas deve ser “tomada de outro”. A masculinidade deve ser conquistada através da competição, ela passa a ser tida como uma espécie de troféu para os homens. Essa disputa varonil se aplica a todos os contextos sociais, especialmente, o político. O autor ainda discorre sobre a fundação de um novo homem para atender a necessidade da elite nordestina. Era preciso “criar” um homem capaz de acompanhar as transformações no mundo, desse modo, a “imposição de papéis” passa a ser “substituída por uma sociabilidade centrada no indivíduo, em que a identidade de gênero é cada vez mais uma decisão pessoal, embora agora limitada por códigos sociais cada vez mais rígidos”. Nesse cenário, passa-se a admitir que figuras masculinas exerçam práticas tidas como tradicionalmente femininas, como o cuidado com o corpo, o embelezar-se, exercícios também adotados por sujeitos políticos.

Na modernidade, Foucault (1993) propõe um distanciamento do essencialismo que funcionou, ao longo dos séculos, como uma instância de discriminação do que seria normalidade e anomalia, doença e saúde na natural sexualidade humana. Para ele, “a

sexualidade é um ‘dispositivo histórico’, visto que, é uma invenção social uma vez que se constitui historicamente a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, normatizam que instauram saberes, que produzem ‘verdades’”(Foucault, 1993, p. 15), que se desenvolveu a serviço das estratégias de poder e do saber em um contexto complexo de regulação dos corpos e do comportamento dos indivíduos. Com isso, as “verdades” sobre a sexualidade são produzidas por práticas discursivas e constituídas por relações de poder e saberes a ela ligados.

Nesse sentido, essa instância reguladora surge quando as instituições políticas, econômicas, medicinais, pedagógicas, psiquiátricas e judiciárias passam a se apropriar dos saberes do sexo dentro de uma ordem discursiva. Para Foucault (1993), a discursividade é doutrinária e aparece no controle da sexualidade infantil (a criança masturbadora); no controle da sexualidade das mulheres (a mulher histérica); na psiquiatrização das perversões (eram tidas como normais as relações heterossexuais); na vigilância constante dos indivíduos (uma forma de proteger os indivíduos da perversão e corrupção). Percebe-se, neste momento, a relação entre o dispositivo da sexualidade com a sociedade disciplinar, que baseia-se na vigilância e no controle dos corpos, com o objetivo de os docilizar, no “poder das palavras sobre a disciplinarização da sexualidade” (Januário, 2016, p. 91).

Ao refletir sobre as posições que os homens ocupam em relação às mulheres nas instâncias públicas da sociedade, percebe-se uma relação desigual de poder. Pierre Bourdieu (2005) aponta para essa relação como uma reprodução da “dominação masculina”. Segundo ele, há um ideal de superioridade masculina perpetuado através de uma série de normatividades sociais, culturais, ideológicas, sexuais, científicas e práticas discursivas, que atuam enquanto mecanismo de sustentação do que ele designa *habitus* - nesse caso, de gênero -, que seria um conjunto de ensinamentos e práticas consolidadas e incentivadas que diferenciam o agir/ser masculino e o agir/ser feminino desde a infância. Tais ensinamentos estão tão enraizados culturalmente que aqueles que são vítimas desse sistema continuam mantendo-o. Kaufman (1987, *apud* Januário, 2016, p. 99) afirma existir uma “experiência contraditória do poder masculino”, na qual os homens seriam também reféns dessa lógica de dominação, observada na contínua necessidade de demonstração de virilidade e “na competitividade masculina na esfera pública” (Seidler, 2009, *apud* Januário, 2016, p. 100).

No espaço político, principalmente nas redes digitais, tornou-se visível não somente uma disputa por ocupação de cargos entre os candidatos Jair Bolsonaro e Lula da Silva, mas também uma comprovação de quem seria mais “macho” entre os dois. De um lado, entoando seu discurso na Esplanada dos Ministérios, no dia 7 de setembro, Bolsonaro repete cinco vezes o termo “imbrochável”, do outro lado, pouco tempo após a sua saída da prisão, Lula da Silva afirma, em vídeo postado nas redes, que é um jovem que possui “30 anos de energia e 20 anos de tesão”. De acordo com Foucault (1996), os discursos possuem um caráter ideológico, conseqüentemente, os discursos ligados à sexualidade não poderiam ser neutros. Desse modo, os enunciados exemplificados acima conferem uma luta pelo desejo e pelo poder, marcam o discurso sobre a virilidade.

A partir das discussões sobre a dominação masculina, refletimos sobre outro conceito pertinente para a nossa análise. Trata-se da “hegemonia masculina”, que consiste em um conjunto de condutas, normas sociais, que devem ser seguidas para que um homem consiga ocupar esse padrão hegemônico. Para alcançar tal padrão, de acordo com Januário (2016), é preciso ser, pelo menos, branco, rico e heterossexual. No entanto, essas normas não se restringem somente aos aspectos citados, estas se incorporam também nos corpos dos homens, dentro de determinadas possibilidades culturais e históricas. Na atual sociedade dominada pelas mídias, criou-se um ideal de corpo a ser seguido, um corpo jovem, musculoso e saudável. Nesse sentido, aquele que não se adequa ao modelo idealizado, pode ser visto como “menos homem”.

A preocupação com o corpo, com a aparência, com a própria imagem, é intensificada em detrimento dos ideais de consumo do capitalismo que, principalmente através da mídia, origina no sujeito falsas necessidades. Precisa-se investir em roupas, em cirurgias plásticas, em maquiagens, na saúde, na boa forma. A sujeição provocada por estes aparatos digitais corrobora com o pensamento de Foucault (1989) acerca da regularização e disciplinarização dos corpos para torná-los docilizados. Esse cuidado com a aparência foi refletido também na política. Constrói-se uma imagem política sistematicamente de cirurgias, harmonização facial e bons hábitos. Por isso, não é irrisório que vídeos do candidato Lula, na academia, passaram a ganhar repercussão nas redes digitais no ano de campanhas eleitorais. Não foi à toa que estabeleceram, nas redes digitais, um comparativo entre a pele envelhecida de Bolsonaro com a feição jovial, “bonita” de Lula. O corpo discursa, o corpo move massas, o corpo seduz um eleitorado.

Nesta pesquisa, adotamos como objeto de desejo o corpo masculino, que exerce um papel de dominação endêmica na nossa cultura, para observarmos os discursos e sentidos materializados nos enunciados não-verbais e verbais produzidos pelo sujeito político - Lula - através dessas linguagens. Nesse viés, propomos, segundo Foucault (2010, p.126 *apud* Melo *et. al.*, 2021, p. 1273), "interrogar a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão histórica e social que a produz". Com isso, pretendemos pautar a nossa análise na condição sócio-histórica na qual os sentidos discursivos são produzidos e qual a sua pretensão de verdade dentro das suas condições de possibilidade.

## 2.4 O discurso político

A linguagem é ideológica e o discurso, que se materializa através da linguagem - a partir de elementos que produzem sentido -, consequentemente, também o é. Segundo Foucault (2008, p. 122 *apud* Marques, 2012, p. 271), as práticas discursivas são constituídas dentro de condições de produção específicas e são determinadas social e historicamente, configurando-se enquanto um processo enunciativo que se “apóia em um mesmo sistema de formação”. Para ele, o enunciado comporta a materialidade do discurso e não se restringe somente ao caráter verbal da linguagem, mas também aos elementos não-verbais.

Segundo Foucault (1979 *apud* Braga, 2021), o discurso deve ser compreendido mediante aquilo que ele denomina dispositivo. Para ele, o discurso encarna o dispositivo e lhe confere uma existência, a partir dos seus elementos heterogêneos, material e histórica. Essa rede discursiva heterogênea de ditos e não ditos, apoiada em determinados saberes, estabelece um jogo de forças pautado na sua “função estratégica dominante” de exercício de poder. O dispositivo, nesse sentido, passa a ser exercido como um “dispositivo de controle”. Para tanto, nesta pesquisa, o poder não perpassa uma única instância de poder, mas sim entre duas modalidades, o poder disciplinar e o biopoder. O primeiro associa-se à disciplinarização dos corpos, a ordenação e a vigilância, enquanto o segundo governará o nível da população, “o corpo e a massa” (Braga, 2021, p. 57).

O discurso e o poder em Foucault (1996) compõem duas facetas inseparáveis, em que o poder consiste “unicamente em formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (Souza, 2011, p. 2). Nesse sentido, o poder não é exercido por uma estrutura social específica, mas antes se constitui enquanto práticas sociais sem limites, as quais todos estão expostos. O poder exprime um saber. Diante disso, o saber é materializado através do discurso e está diretamente vinculado ao poder, além de se situar historicamente no contexto em que foi proferido, representando um objeto de desejo e a peça de um dispositivo político, tendo em vista que o saber não é neutro e atua nas relações de poder.

No livro *A ordem do discurso*, Foucault (1996) apresenta o princípio citado como a vontade de verdade, o qual pode ser entendido pela forma como os discursos são aceitos e legitimados em decorrência da época em que são construídos, levando-se em conta suas proposições verdadeiras e sua receptividade social e institucional. Essa vontade de verdade é “ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...], pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (Foucault, 1996, p.17).

Trata-se do discurso político, organizado por um falante - um político -, que tem por objetivo seduzir e convencer um público a partir de um discurso que atinja um desejo coletivo. Considera-se, portanto, a legitimidade do que é enunciado e a receptividade da massa de ouvintes, o eleitorado. Este jogo político é pautado por uma ordem do dizer, na qual é possível perceber uma interdição, uma regulação acerca do que pode ou não ser dito. Conforme posto por Piovezani (2007):

Considerando que a busca pela legitimidade é um fator essencial da política, o discurso político contribui para a legitimação do próprio campo em que se inscreve, na medida em que, de modo explícito ou latente, apresenta as seguintes propriedades: o agente político possui uma visão clara e ordenada da realidade social; pressupõe sua credibilidade e fundamenta seu dizer e seu fazer na vontade de uma coletividade que lhe reconhece a competência e lhe outorga a legitimidade (Piovezani, 2009, p. 347)

Além disso, no discurso político, segundo Piovezani (2007), há sempre a presença de um “nós”, que fala com um “eu” nunca individual. No entanto, apesar de o discurso político se constituir no plural, em determinados momentos esse “nós” ganhará a forma de um “eu”, que fala para um “tu/você”. Essa modificação se deu porque o fazer político tem ocupado, cada vez mais, esferas midiáticas, principalmente em redes digitais, que exigem um grau de proximidade maior entre aquele que fala e os seus seguidores. Nesse contexto, o discurso político adquire um caráter pessoal, propiciando no eleitorado o sentimento de que seus desejos individuais são compreendidos como uma coletividade e serão atendidos.

Outrossim, o meio político é composto pela constante busca de apropriação ou manutenção do poder. Cria-se, desse modo, um cenário de personalidades competindo entre si com o propósito de conquistar ou manter o poder. Gomes (2004) concebe a personalidade política como um conjunto de características psicológicas-morais estáveis que, quando inserida dentro do âmbito midiático, ganharia a forma de um personagem. Este seria um dos elementos que compõem a política do espetáculo, o político-personagem que, composto por aquilo que almeja transparecer, compete com o seu concorrente também personagem. Entretanto, os indivíduos consumidores contemplam essa encenação de forma passiva, não só guiados pelo caráter hipnótico das promessas eleitorais de salvação do povo, mas também pelas representações imagéticas que configuram o discurso político.

Essa seria mais uma estratégia política que, segundo Piovezani (2009, p. 352), estabelece “a busca constante da política pela legitimidade e poder”, através de “incessantes tentativas do discurso político de produzir efeitos de verdade sobre si”. Desse modo, os candidatos produzem discursos que reafirmam a sua competência, enfatizando as suas qualidades, ao mesmo tempo que evidenciam as falhas do seu antagonista. Têm-se, dentro da ordem espetacular, no palco midiático, aquilo que mais atrai a atenção do público, os episódios de ridicularização e deboche dos seus oponentes.

A competitividade no campo político no ano de 2022, entre os presidentiáveis Lula e Bolsonaro, marcada por indiretas proferidas entre os adversários, revela uma disputa não só de denúncia da incapacidade de desempenho de suas funções, de seu cargo, mas também expõe o entrelaçamento entre a vida público-privada dos candidatos. Em um de seus discursos aos seus apoiadores, Bolsonaro disse: “O outro cara não vai. Brochou, pô. Acho que eu

coloquei as mãos nas costas dele [no debate da Band], e ele ficou arrepiado”. O discurso proferido pelo ex-presidente, de conotação sexual, evidenciado através dos enunciados “brochou” e “Acho que eu coloquei as mãos nas costas dele, e ele ficou arrepiado”, transparece o anseio de reafirmação de poder, de asseguuração da sua masculinidade, de expressão da sua potência sexual, virilidade, em relação a impotência sexual - atrelada a homossexualidade - do seu adversário. A mensagem transposta no discurso de Bolsonaro está diretamente ligada à ideia de constante provação de masculinidade imposta aos homens, cujo objetivo é garantir a manutenção do modelo de dominação masculina. Assim, entende-se que “a virilidade não é um dado natural”, mas é algo que “deve ser construído repetidamente” (Januário, 2016, p.92) e essa constante construção tem se consolidado no palanque político.

A colocação do ex-presidente evidencia que a moralidade e os ideais no jogo político foram colocados em segundo plano, em prol de um discurso imediatista, audacioso, com o típico atrevimento presente nas redes, que será esquecido quase que instantaneamente ao momento em que foi proferido. Nesse sentido, o contexto de produção dos discursos, aliado às novas condições técnicas e históricas, inclusive de circulação desses discursos, propicia um ambiente de despolitização, em que os sujeitos pautam as suas escolhas eleitorais em discursos vazios e, até mesmo, distantes das típicas promessas de campanhas.

O esvaziamento discursivo apontado é uma tentativa de simplificar o discurso político, motivado pelas redes, com o objetivo de atrair todos os tipos de eleitores através da reformulação daquele discurso “muito rebuscado”, tido como “difícil”. No entanto, ainda que os debates políticos atuais pareçam um *show* de indiretas, há, nas suas entrelinhas, a sua natureza ideológica.

Com o advento das transformações do atual discurso político, os recursos visuais passaram a ocupar uma posição de destaque na construção do sujeito político. Como exposto por Courtine (2002, p. 37), “o espetáculo político contemporâneo nos dá a prova: governar é aparecer”, nesse sentido, o corpo, o rosto, o gesto e a expressão tornaram-se elementos centrais no jogo político por constituírem a identidade política do sujeito. Diante disso, o *homo politicus*, segundo Courtine (2003, p. 25), incorpora na sua prática discursiva a aparência, deixando em segundo plano “a política do texto”, a “veiculação de ideias”. Assim, devido a sua existência histórica, o corpo, no interior da AD, assume a forma de um acontecimento discursivo passível de ser analisado enquanto um enunciado.

Segundo Bourdieu (1989, p. 14), em concordância com a característica conflituosa dos discursos políticos, a prática discursiva política é marcada por “lutas simbólicas”, na qual os sujeitos podem ocupar a posição de dominado e, com isso, produzirem enunciados que se opõem ao lugar ocupado por ele, expressando dominação, ou a posição de dominador, em que suas falas refletem a manutenção do poder, do sujeito nessa posição. Além disso, considerando a centralidade do corpo nessa luta, Bourdieu (2005, *apud* Januário, 2016, p.83) aponta que o nosso “corpo é a materialização da dominação, é o ‘locus’ do exercício do poder por excelência”, visto que é a partir dele que o detentor do poder e o subordinado a ele é determinado.

Para ampliar a discussão acerca do corpo como instrumento político, destacam-se dois termos: biopoder e biopolítica. Enquanto a biopolítica engloba um conceito mais amplo de disciplinarização e regulamentação dos corpos, aplicando-se “ao governo da população” (Pereira, 2013, p.58), o biopoder opera no indivíduo de modo local. Para Gregolin (2007, p. 19-20), o biopoder é o governo de si, é o exercício de adequação do sujeito às representações que devem ser seguidas, “que lhe indicam como deve (e como não deve) ser o seu corpo”. Dentro dessa perspectiva, o padrão de adequação, historicamente, altera-se, assim como a nossa visão de aceitação ou rejeição sobre ele.

Segundo Foucault (2005 *apud* Pereira, 2013), a biopolítica dos corpos, no século XIX, aparece não mais como uma tecnologia repressora e punitivista, mas como um mecanismo de

regulamentação, de manutenção da vida, estando relacionado aos processos de natalidade, de mortalidade e de longevidade. Esse novo contexto de preservação da vida humana estabelece ao sujeito novas formas de moldar o seu corpo para que ele seja mais saudável, mais higiênico, mais ativo. Quando pensamos no corpo político, as noções atreladas ao cuidado de si também se aplicam, especialmente em uma sociedade marcada pelo consumo e pelo espetáculo.

Mediante as novas tecnologias (*photoshops*, cirurgias, medicações), as possibilidades de estetização dos corpos se ampliaram, justamente para atender a incessante busca pelo corpo ideal - magro, bonito e jovem - que foi inserido como uma necessidade a todos os indivíduos. No espetáculo político contemporâneo, para o sujeito ocupar este posto, o corpo precisa ser objeto de reconhecimento, tendo em vista que ser reconhecido é o mesmo que “ser visto”. Por isso, processos que objetivem melhorar a aparência corpórea dentro do exibicionismo político, para se enquadrar a um padrão tido como “perfeito”, também compreendem uma forma de obtenção, demonstração simbólica de poder.

Diante da complexidade das práticas discursivas políticas, faz-se necessário contemplar a linguagem verbal do porta-voz candidato, entretanto, não ofuscando o papel que os elementos não-verbais exercem na composição do discurso - aspectos da aparência, como vestimentas, maquiagem, acessórios; aspectos gestuais e expressões faciais; aspectos extra corpóreos que compõem a imagem, a iluminação, ângulos, cores -, tendo em vista que tudo implica no convencimento de uma massa de eleitores.

### **3. A IMAGEM PÚBLICA DE LULA SOB ANÁLISE**

Neste tópico, reunimos os discursos de maior relevância para nossa pesquisa e analisamos os enunciados pensando na materialidade e condição de produção dos discursos, nos seus efeitos de sentido, no líder político popular na condição de dispositivo de controle e no papel da sexualidade e da imagem pública dentro do que chamaremos de “espetáculo político”.

#### **3.1 Uma análise do discurso verbal**

A trajetória política do presidente Lula é marcada, historicamente, por rebeldia, contradições e conciliações. Por isso, quando pensamos na imagem dessa figura política, precisamos nos deter ao momento histórico ao qual estamos nos referindo. Nos discursos contemporâneos, por exemplo, referem-se a Lula como o “Lula do Velho Testamento” e o “Lula do Novo Testamento”, justamente para distinguir as diferentes facetas do presidente construídas no decorrer do seu longo percurso político. Esta separação pode ser delimitada pelo período anterior ao ano de 2002 e o período após esse ano.

Em 2018 foi decretada a prisão do então candidato Lula, líder das pesquisas de campanhas eleitorais deste mesmo ano, impedindo-o de realizar a sua terceira candidatura. Foi em novembro de 2019, com a proibição de prisão após segunda instância pelo STF, que o encarcerado ganhou liberdade. O marco do evento de encarceramento e de libertação de Lula evidenciou o seu poder como líder popular, isso pela multidão que esteve presente e o abraçou frente ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, no dia de sua prisão, e, similarmente, no dia de sua saída, diversas pessoas deixaram as suas casas carregando consigo o sentimento de esperança de restauração do país e caminharam em direção a sede da Polícia Federal, onde se aglomeraram novamente para prestigiar o maior líder político do país ao ganhar liberdade.

Os dois momentos históricos - a prisão e a liberdade de Lula - são entrelaçados pelo advento das multidões e a capacidade que o atual presidente possui de mobilizar a massa (o povo) enquanto um líder popular. É mediante a discussão posta por Courtine (2015 *apud*

Braga, 2021) sobre a multidão e sua relação com a necessidade de um líder, que Lula performa o seu papel de líder carismático, que não só atende aos anseios do povo, mas também provoca um grau de identificação entre ele e o próprio povo, criando uma relação que sobrevive ao tempo e as suas circunstâncias.

Lula promove o encanto da multidão. Ele abraça o povo e o conduz a acreditar em seu discurso. Esse advento controla a tensão popular. É na contradição do governo petista, de incluir o povo na sua base social, oferecendo-lhe benefícios, ao mesmo tempo que atende, também, aos desejos da elite brasileira, que a sua organização política passa a atuar como dispositivo de controle disciplinar. No entanto, esse princípio conciliador pode possuir um caráter de desmobilização de sua massa de eleitores, movida pelo binômio da esperança e da decepção, por isso o então presidente precisa de cautela no exercício do seu poder.

A separação entre os Lula's revela a polaridade dos seus ideais políticos, no entanto, não apenas. A sua imagem, a sua aparência, também simboliza a distinção realizada a partir dos dois termos. Em 1979, Lula conseguiu liderar a histórica greve dos metalúrgicos do ABC, com a adesão de pelo menos 200 mil trabalhadores, sua capacidade de mobilização já era significativa. Em 1989, candidatou-se à presidência e perdeu no segundo turno para Fernando Collor de Mello. Porém, nesta fase, não houve um investimento estrategicamente simbólico na adequação de imagem e discurso do metalúrgico.

Balandier (1982 *apud* Oliveira e Silva, 2005), ratifica a relevância do ator político produzir o efeito de identificação entre o público de eleitores a ser representado e o candidato representante. Nesse esquema, o controle midiático e o investimento na imagem são essenciais. Lula, considerando a sua história, já representava grande porcentagem da população: o pai de família, classe baixa, que trabalhava para alimentar a sua mulher e os filhos. No entanto, isso não foi o suficiente para garantir a sua eleição. Necessitou-se construir, com base no que já existia do candidato e, dessa vez, apoiado pela mídia, uma imagem mais solene, mais sóbria, com a aparência repaginada, para alçar o cargo de presidente da República. A imagem moldada de Lula no ano de 2002 foi programada para convencer a parcela da população que não se identificava com as suas ideias “radicais” e sua vitória revelou a eficiência da sua estratégia.

A dúvida que ressoava naquele momento histórico da sua libertação era sobre qual Lula sairia da prisão, considerando o contexto político de polarização que se formou após o seu encarceramento. O Lula do Velho Testamento, marcado pela rebeldia e luta de classes, ou o Lula do Novo Testamento, o estratégico conciliador de classes? Todavia, apesar de haver essa cisão na personalidade política de Lula, o elemento sexual sempre esteve presente em todas as suas faces e imagens políticas. Dito isso, consideremos o enunciado produzido pelo político em um vídeo publicado nas suas redes digitais poucos dias após a sua libertação do cárcere: “[Quero] dizer para vocês que eu sou um senhor muito jovem. Eu tenho 74 anos do ponto de vista biológico, mas tenho 30 anos de energia e 20 anos de tesão. Tá? Só para vocês ficarem com inveja desse jovem que está falando com vocês”.

No vídeo, o candidato direciona o seu olhar e a sua fala para os seus seguidores, internautas, e com o seu carisma habitual, profere o discurso mencionado. Na sequência, ele agradece a solidariedade dos seus apoiadores, referenciando-os como “vocês”, e afirma o compromisso de “libertar o país” da “loucura que está acontecendo”, prometendo cuidar da educação, do emprego, da cultura e do prazer da juventude, encerrando a sua fala com “beijos” ao seu público. Um fato observável no discurso de Lula é a ordem que ele opta por estabelecer a enunciação dos fatos. Primeiro, o candidato expõe aspectos da sua vida privada, não inerentes à sua candidatura; depois, assegura o seu compromisso com as exigências que o seu cargo apresenta, aquelas associadas à “libertação do país”, “salvador da pátria”. Nesse sentido, o viés público e o viés privado da vida política do candidato parecem estar

imbricados e diretamente conectados à sua capacidade de cumprir com eficiência o seu mandato.

A fala do atual presidente revela que a política, antes dos seus projetos governamentais, exige de um candidato as características presumidas de um líder. Nesse cenário, a virilidade, convertida em potência sexual, passa a ser exercida no jogo político. É preciso considerar que, antes de tudo, Lula é um homem, e diante das proposições postas por Kaufman (1987, *apud* Januário, 2016), a demonstração de poder através da sexualidade é uma constante para os sujeitos masculinos. Lula, anteriormente, com seus cabelos escuros, construía os seus discursos com alguns botões da camisa desabotoados nos palanques postos nas ruas. Atualmente, com seus cabelos e barba grisalhos, utiliza-se da sexualidade em seus discursos como uma afirmativa de que ainda é jovem e potente o suficiente para liderar.

O discurso de Lula, explicitamente sexual, ratifica o que Muniz (2013, p. 222) expõe sobre a figura do homem nordestino, que possui “um corpo construído por discursos em que a fala encarna o falo”. Performar masculinidade não seria o suficiente, é preciso expressá-la mediante diferentes linguagens, seja ela verbal ou não. Posteriormente veremos que esse discurso sobressai a fala e passa a ocupar o físico, o corpóreo.

Outra particularidade se sobressai nos discursos produzidos por Lula, ainda interligada ao ideal de juventude pretendida por ele. Em um discurso emitido no programa “Conversa com o Presidente”, disponibilizado nas redes digitais, Lula afirma ter adiado sua cirurgia no quadril para evitar transmitir uma imagem vulnerável após as eleições de 2022: “Eu queria operar logo depois das eleições. Mas, aí, falei: ‘Bom, se eu operar agora, vão dizer que Lula está velho, ganhou a eleição e já está internado’. Vocês não vão me ver de andador, de muleta, vocês vão ver sempre bonito como se eu não tivesse operado...”.

Na construção estratégica da uma imagem, faz-se necessária a existência de profissionais “criadores de imagem”. Por isso, por trás da campanha eleitoral de Lula, sempre esteve presente o sobrenome Stuckert - seu fotógrafo e secretário de produção e de divulgação audiovisual. Sendo assim, o fato de não termos uma imagem fragilizada do candidato faz parte do planejamento de construção da sua imagem pública, organizado por Ricardo Stuckert, que recomendou que Lula não fosse registrado “de andador” ou “de muleta”, mas “sempre bonito”. É importante observarmos que os registros “de andador, de muleta”, que poderiam ser feitos, estaria associada a uma imagem envelhecida, debilitada do candidato, enquanto o “sempre bonito” seria um símbolo de juventude e de saúde - ambas imagens (velho/jovem) estariam conectados ao grau de competência do sujeito político na ocupação do cargo de presidente.

Ortega (2012) esmiúça a visão negativa que as sociedades contemporâneas construíram acerca da velhice, estando esta associada a uma doença a ser tratada, a dependência e, até mesmo, ao sentimento de humilhação. Essa perspectiva reforça a aversão aos sinais de idade e, concomitantemente, a constante necessidade de escondê-los. O discurso produzido pelo presidente transpõe essa afirmativa e ressalta o imperativo do cuidado, da autovigilância, do caráter de assujeitamento que a busca por uma (aparente) juventude provoca.

A aparência coloca o sujeito na posição de submissão e de constante necessidade de provação da sua legitimidade. O autocontrole excessivo (Ortega, 2012), que coloca em risco a própria saúde adiando a cirurgia, expõe a vulnerabilidade de Lula ao olhar do outro “(vocês) vão dizer”, “Vocês não vão me ver”, “vocês vão me ver” e destaca a importância de não se deixar ser visto na sua fragilidade, mas sempre na posição de dominador (Bourdieu (2005, *apud* Januário, 2016). Ele “fundamenta seu dizer e seu fazer na vontade de uma coletividade” (Piovezani, 2009, p. 347), que tem por função reconhecer a sua competência e dar-lhe a credibilidade que precisa para a conquista e manutenção do poder.

### 3.2 Lula's: um comparativo

Nas redes digitais, o palanque do líder foi desmontado e reconstruído como o “*Trending Hashtags and Topics*” no *Twitter* ou como o maior número de curtidas, compartilhamentos e comentários. Nelas a multidão é um número e a visibilidade desse número aparece a partir da repercussão, do quão espetacularizado foi o discurso produzido. No ano de 2021, conhecemos um Lula mais envolvido com as redes digitais, âmbito em que a sua campanha também foi desenvolvida. Vejamos a seguinte materialidade enunciativa que contempla a perspectiva não-verbal do discurso, as “configurações significativas”, como posta por (Gomes, 2004), a discursividade do corpo (Courtine, 2002) e a sexualidade em seu aspecto físico, material:

**Figura 01- De lua de mel, Lula posa com sua esposa em noite de lua cheia, no Ceará**



**Fonte:** Retirada do perfil @JanjaLula (*Twitter*), 2021

A foto, que parece registrar um momento casual, íntimo, de um casal que saiu de sua estadia no Ceará para aproveitar a noite de lua cheia na praia, provoca, no mínimo, um questionamento: se há, de fato, uma casualidade na ida do candidato Lula com sua esposa à praia, qual a justificativa para a fotografia ter sido registrada pelo seu fotógrafo oficial de campanha, Ricardo Stuckert? A resposta é: o registro parece ter sido estrategicamente político. A fotografia foi publicada nas redes digitais da esposa de Lula e rapidamente repercutiu. Além de se tornar um dos assuntos mais comentados do *Twitter*, “coxas do Lula” e “foto Lula sunga” alcançaram o top dez de pesquisas relacionadas a ele no Google, na terceira semana de agosto de 2021.

A imagem de Lula no enunciado traduz, hiperbolicamente, a espetacularização da política, que, nesse cenário, tem como sustentáculo a sexualidade. Na fotografia, visualizamos a praia escura e a lua cheia amarela desfocadas ao fundo, destacando o casal que se encontra no centro da imagem. Lula está vestindo um boné esportivo verde, que esconde os seus cabelos grisalhos, uma sunga, que atraiu a atenção dos espectadores, e a camisa azul-marinho, que quase se mistura com a escuridão do fundo da imagem, trazendo mais destaque para a pele que está de fora, conduzindo o nosso olhar para onde se deve focar. Na foto, o que mais atrai a nossa atenção é a coxa do político.

Uma imagem pode facilmente ser manipulada, mediante a utilização de *photoshops*, das mais distintas formas. Através do uso de programas em computadores, podemos suavizar a pele e remover manchas ou rugas indesejadas, também é possível realizar uma sutil harmonização facial, arrebitando o nariz, diminuindo o tamanho dos olhos e aumentando os lábios, assim como conseguimos alterar a iluminação da fotografia, intensificando o brilho, o contraste, a nitidez ou reduzindo-os. A foto de Lula não anula a possibilidade de ter sido submetida a minuciosas modificações, principalmente no elemento central da imagem, o mais notório: sua coxa, com seus músculos devidamente destacados e refletidos por uma espécie de luz artificial posta por trás da câmera. O seu rosto está parcialmente corado e brilhoso, um indicativo de boa saúde.

Os discursos contemporâneos sobre a sexualidade na instância não apenas social, mas também política, interligam-se a ideais de saúde, juventude e, para os homens, de virilidade. O corpo idoso do presidente Lula, torna-se alvo de práticas discursivas que regulam o quão torneado o seu corpo está, o quão produtivo seu corpo é, o quão ativo sexualmente ele é (Foucault, 1993). Para perpetuar estas “verdades” sobre si, seu corpo passa a ser submetido a uma ordem mercadológica de cuidado com o corpo, de submissão a procedimentos estéticos, a exercícios físicos e, neste caso, a alterações simuladas por computadores.

Historicamente, as pernas femininas eram tidas como símbolos sexuais desejáveis, o que afetou as normas sociais de vestimenta em particulares épocas, nas quais as mulheres eram proibidas de expor essa parte do corpo. As coxas também compõem uma parte erógena do corpo humano, interligando-se ao sexo. Contemporaneamente, as pernas, não somente as das mulheres, passaram a ganhar relevância pelo incentivo ao cuidado com o corpo por intermédio da prática de musculação, tornando-se um forte atrativo. O fascínio pela coxa do Lula surge nesse movimento de desejo por possuir uma perna com o quadríceps definido, idêntico à exposta no registro de Ricardo Stuckert. Observamos, desse modo, as premeditações que envolveram a imagem capturada.

Os recursos técnicos de produção de imagem utilizados construíram uma imagem pública aceitável do candidato e, inclusive, antagônica ao que a “pessoa Lula” de fato o é - um idoso grisalho de 76 anos -, visto que essa figura poderia não ser legitimada. Nesse sentido, Lula apropriou-se de uma ordem discursiva proveniente de uma sociedade marcada pela dominação masculina (Bourdieu, 2005), em que a sexualidade, a sensualidade do seu corpo masculino, viril, tornou-se legitimada. Este corpo precisou estar dentro de um padrão hegemônico (Januário, 2016) para atingir os interesses dos seus comunicantes, para atingir diretamente a vulnerabilidade e o desejo do outro. À vista disso, criou-se um político-personagem (jovem, bonito, em forma), movido pela superficialidade da aparência, para atender ao que passou a ser idealizado por uma massa de eleitores.

A aparição da coxa de Lula manifesta na memória outra fotografia, registrada no término da década de 70. Este fenômeno, Pêcheux (1999) chama de memória discursiva, evento que faz emergir um enunciado anteriormente produzido, entretanto, modificado e com possíveis novas significações. Diante desse pressuposto, vemos que a imagem sexualizada do presidencial Lula não é recente, mas uma remissão a um Lula precedente à presidência. Contemplemos o enunciado abaixo:

**Figura 02: Lula: além de tudo um símbolo sexual?**



**Fonte:** Lampião da Esquina, 1979

Na década de 70, nos anos finais da Ditadura Militar, nas páginas do primeiro jornal homossexual de circulação do país, *Lampião da Esquina*, Lula posou deitado de cueca com os braços para cima. Ele está de camisa social branca e cueca preta, seus cabelos e sua barba são escuros, ao fundo da fotografia, observamos um armário e o puff, no qual ele se encontra reclinado. O destaque da foto, novamente, são as coxas de quem seria, posteriormente, candidato à presidência.

A imagem do Lula foi moldada ao longo dos anos, assim como a sua postura política. Nas suas primeiras candidaturas, o perfil político do candidato era pautado por suas lutas sindicais como operário nas fábricas, pelo retirante nordestino semi-analfabeto, cujo objetivo era ocupar o cargo de presidente do país. Nesse período de formação da imagem pública do futuro candidato, o seu discurso reproduzia a necessidade de milhares de trabalhadores metalúrgicos. Era o início da história do Lula como líder popular, um movedor de massas (Courtine, 2015 *apud* Braga, 2021).

Ao perceber que manter-se dentro do sindicato, somente, era limitante ao atender aos interesses da classe trabalhadora, Lula se candidata à presidência e legitima a sua voz com a criação do Partido dos Trabalhadores. No entanto, só alcançou o alto cargo do Poder Executivo após três perdas consecutivas. A sua vitória, em 2002, se tornou possível, não só por conciliar as suas propostas políticas populares com as da elite brasileira, como também por adequar a sua imagem pública ao de um burocrata, à estética do terno e da gravata (Gomes, 2004). É nesse cenário que a imagem de “sapo barbudo” do candidato se transfigura na de “Lulinha paz e amor”. Não foi à toa que o Lula retomou a sua imagem amorosa na última eleição de 2022, o seu objetivo era passar uma imagem antagônica ao presidente do atual governo, que era criticado pela sua personalidade explosiva.

As coxas do Lula, tão evidenciadas quanto às da figura 01, diferenciando-se apenas pelo empecilho da qualidade da fotografia e ausente existência de recursos de edição, colocou o político na posição de “símbolo sexual”. Lula, no início da década de 80, possuía uma aparência subversiva aos presidentes eleitos no período pós-ditadura, com sua barba farta, cabelos desgrenhados e roupas simples, que representavam a sua classe. Na imagem, além desses componentes, ele aparece de cueca, o que cerca de 40 anos depois se tornaria uma

sunga. A estética do metalúrgico refletia o perfil masculino heterossexual do operário da época, em que a presença de pelos por todo o corpo era sinônimo de virilidade. No Lula da figura 01, observamos que a sua imagem foi adequada aos novos padrões estéticos, e sua perna já não aparece com os mesmos pelos da figura 02.

Courtine (2013) explora a noção de memória discursiva, todavia dentro do campo de análise das imagens. Para o autor, toda imagem inscrita em uma cultura visual possui um eco. A figura 01 resgata a primeira faceta do Lula, a fotografia da figura 02, dessa vez aprimorada, manipulada. Os elementos são quase os mesmos, os Lula's se misturam. O despertar da nossa memória discursiva propicia uma análise referencial, produzindo o efeito de observar o Lula 40 anos mais velho e achá-lo mais jovem que a primeira imagem. Cria-se também o efeito de retomada às origens, de manutenção da essência durante a trajetória que o fez chegar até aqui.

Além do elemento imagético que compõe o enunciado, os discursos verbais acrescentam um sentido ambíguo, isto é, irônico ao segmento como um todo. Em “E tem aquela história da luta de classes...”, o enunciado retoma o Lula metalúrgico sindicalista, que atacava o empresariado com o objetivo de diminuir a concentração de riqueza, distribuindo-a para o proletariado. Uma das concepções apresentadas por Brait (1997, p. 13) sobre ironia é a confluência de enunciações contraditórias, sustentada pela manutenção da “ambígua dualidade” da linguagem. Na figura 02, a materialidade não verbal é uma extensão do enunciado verbal, que contradiz o perfil de ativista da “luta de classes” por aparecer descansando, deitado, em uma fotografia.

O enunciado abaixo da imagem de Lula complementa o sentido irônico construído pelos autores da revista, demonstrando que o registro não apenas retrata um momento “atípico” para um militante da causa trabalhista, como também destaca a sexualidade presente na pose, vestimenta e ângulo da fotografia. O enunciado “Lula: além de tudo um símbolo sexual?” questiona a aceitabilidade de uma figura política sexualizada. Novamente, o “além de tudo” possui um caráter remissivo histórico e, a posteriori, acrescenta a personalidade do Lula o elemento sexual, no entanto, dentro de uma perspectiva de oposição, como se a sexualidade não pudesse ser inserida dentro do âmbito político ou a sua personalidade.

O teor crítico pautado pela ironia revela uma das questões problematizadas pela revista *Lampião da Esquina*: a indiferença dos ativistas de esquerda em relação à homossexualidade. Colocar a imagem de Lula em uma revista homossexual e posicioná-lo como um “símbolo sexual” à medida que destaca a sua fala homofóbica na página anterior, escancara o caráter contraditório das enunciações feitas. A matéria jornalística reforça, através das entrevistas com os operários, que não só a homofobia, mas também o machismo, perpassam por todas as classes (Trevisan, 1978 *apud* Kovaleski *et. al.*, 2018) e os mesmos se utilizam desse preconceito para reafirmar a sua masculinidade. E o Lula, nesse contexto, refletia as mesmas ideias.

O que une os enunciados não verbais do Lula abraçando a sua esposa em sua lua de mel e o Lula metalúrgico sindicalista, dispersos ao longo de mais de três décadas, é a sua existência histórica. Em 1979, a imagem sexualizada de Lula foi utilizada de modo irônico, quase pejorativo. O registro era de um homem heterossexual comum, sossegado, manso, imagem antagônica ao do comunicativo sindicalista barbudo, líder de vozes marginalizadas. Em 2021, a fotografia remete à imagem mais afetuosa que se tem do presidente. O seu sorriso carismático se opõe ao do antigo Lula, que aparece com o rosto virado. A presença da sua esposa na foto reforça o seu lado amoroso, de cuidado, assim como acentua, atrelado a posição da sua perna e suas vestimentas, a sua virilidade atrelada a noção de vitalidade, juventude e potência sexual.

#### 4. À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos responder ao questionamento elencado no início do nosso texto: que sentidos sobre a sexualização são produzidos a partir das fotografias e das declarações de Luiz Inácio Lula da Silva, considerando a construção da sua imagem dentro de uma trajetória política de, pelo menos, 40 anos? Através dos discursos analisados, percebemos que os sentidos sobre a sexualização da imagem de Lula são construídos socialmente e pelos sujeitos dentro das condições de possibilidade de produção e da sua receptividade. Para tanto, são múltiplos.

Analizamos a imagem construída por Lula dentro de uma elipse temporal de, pelo menos, 40 anos. Na construção da personalidade política de Lula, identificamos que não apenas o discurso verbal atua dentro de um cenário eleitoral, mas a aparência também possui uma centralidade no jogo político. Ignorar o papel que as redes digitais exercem na circulação, criação e modificação de uma imagem, dentro de um contexto político cada vez mais espetacular, é subjugar a capacidade que essas ferramentas possuem de dar existência, de dar poder a estas figuras públicas.

A contraposição entre o Lula do Velho Testamento e o Lula do Novo Testamento não existem somente pelos seus discursos antagônicos, mas também pela forma como sua imagem foi moldada para se enquadrar dentro de um padrão imagético associado à aristocracia brasileira. Apesar de, anteriormente ao ano de 2002, Lula corresponder a uma personalidade viril, de “sapo barbudo”, a sua recepção dentro da política foi negativa, mostrando que o padrão de masculinidade não pode ser filiado ao de um cidadão comum pertencente à classe trabalhadora. A masculinidade precisa corresponder ao ideal da classe média, com roupas sociais, cabelos e barba cortados e aparada. Por isso, no ano de 2002, podemos considerar que a adequação do seu discurso à sua nova imagem, foi um dos fatores que levou o metalúrgico à presidência.

A mudança na imagem do então presidente é refletida no contexto atual, deparamo-nos com uma faceta de Lula mais voltada para o cuidado de si. Nesse momento, a longevidade é aclamada. Com 40 anos a mais, Lula ostentou uma forma física mais voluptuosa, com coxas bem definidas e uma aparência mais saudável e simpática. O objetivo, como o próprio discurso do presidente transparece, era construir uma imagem oposta ao que a realidade de fato nos revela, porque no cenário político a maturidade pode ser confundida com a incapacidade de desempenhar o cargo do mais alto Poder Executivo.

Apesar da distinção temporal entre os Lula's, a sexualização dos seus corpos os alia, entretanto os discursos sobre eles os distanciam. Nas duas fotografias selecionadas, a exposição das coxas ocupa papel principal na materialidade visual. Na figura 01, o propósito da imagem era discursar sobre a virilidade, sobre a juventude, que foi preservada mesmo diante da idade avançada. Na figura 02, o propósito do enunciador foi problematizar a imagem controversa de militante das causas sociais e reprodutor de homofobia, assim como, questionar a coexistência de um sujeito ativista e de um sujeito além das suas causas, como símbolo sexual e alguém que possui o direito de descansar.

Com isso, a pesquisa realizada não busca esgotar as infinitas possibilidades de trabalhos que podem surgir a partir deste ou das teorias que foram utilizadas para embasar o nosso estudo acadêmico. O intuito foi esmiuçar uma temática, entre inúmeras, por meio do aporte teórico que a AD pode propiciar e do interesse de compreender a dimensão que a imagem, a aparência, o corpo pode representar dentro do âmbito político pautado pelas redes digitais. Portanto, esperamos que o efeito desta pesquisa seja, não apenas refletir sobre o tema proposto, mas impulsionar a escrita de tantos outros projetos que possam vir através deste.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRAGA, Amanda. Seduzir as massas: líderes populares e partidos políticos como dispositivos de controle das multidões. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, v. 2, n. 57, p. 53-66, 2021.
- BRAIT, B. O texto irônico: fundamentos teóricos para leitura e interpretação. **Letras**, n. 15, p. 11-28, 1997.
- COURTINE, Jean-Claude et al. As metamorfoses do *homo politicus*. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 25, 2002.
- COURTINE, Jean-Claude. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. R. V. (Org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos. Claraluz, 2003, p. 21-34.
- DEBORD, G. A separação consolidada. In: \_\_\_\_\_. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contracampo, 1997, p. 13-27.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27 ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**, v. 1: A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 178 - 251.
- GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Dossiê. Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 4, nº 11, Nov. 2007, p. 11-25.
- JANUÁRIO, S. B. Masculinidade: historicidade, pluralidade e construção. In: \_\_\_\_\_. **Masculinidades em (re)construção**. Covilhã: LacCom, 2016, p. 79-134.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidades e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.
- LIMA, J. G. Imagem é tudo. **Veja**. São Paulo, ed. 1.764, n.32, p. 84-87, 2002.
- MORETTI-PIRES, R. O; TESSER, Z. C. Homofobia e os socialistas brasileiros em “O Lampião da Esquina” (1978-1981). **Revista Estudos Feministas**, vol. 26, n. 3, 2018.
- MARQUES, S. M. K. Relação poder-saber e formas de resistência em documentos educacionais governamentais sobre ensino de língua estrangeira. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 56, p. 271-292, 2012.

MELO, V. D.; VITORINO, A. J. R. Sobre a continuidade metodológica em Michel Foucault: da fundamentação de uma teoria do enunciado para o cuidado de si. **Educação e Filosofia**, v. 35, n. 75, p. 1267-1295, 2021.

MUNIZ, D. Nordeste: uma invenção do “falo”. *In: \_\_\_\_\_*. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 208-229.

OLIVEIRA, M. H. D.; SILVA, R. M. Lula: de sapo barbudo a popstar, a transformação de uma imagem. **Entrelaçando caminhos**, 2005.

ORTEGA, F. J. G. **O corpo incerto**. Editora Garamond, 2012.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In: ACHARD, P. et. al.* **Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PEREIRA, T. M. A. **O Espetáculo de Imagens na Ordem do Discurso Midiático: o corpo em cena nas capas da revista Veja**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PIOVEZANI, C. **Verbo, corpo e voz: reflexões sobre o discurso político brasileiro contemporâneo**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 278p., 2007.

PIOVEZANI, C. **Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

SOUZA, W. L. Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault. **Múltiplas Leituras**, v. 4, n. 2, p. 103-124, 2011.

TILIO, R. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **GÊNERO**, Niterói, v. 14, n. 2, p. 125-148, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31193> > Acesso em: 17 de set. de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Inicio esta sessão agradecendo a minha não desistência. Ter o privilégio de percorrer o caminho da educação é lidar com distintos obstáculos. Atipicamente, um deles foi uma crise sanitária. Manter o foco no nosso propósito, que sobreviveu a um contexto pandêmico, híbrido e solitário, foi uma das maiores razões para, hoje, estar concluindo não só este trabalho, mas o curso.

Gostaria de agradecer a minha mãe, que, da forma que compreendia, impulsionou-me a continuar com meu percurso universitário. E ao meu padrasto, que de todos os modos poderia ter me dito um não, no entanto suas atitudes sempre disseram um sim.

Sou grata também ao meu pai que, assim como muitos, não teve a oportunidade de alçar o mesmo caminho que eu. Em meio a sua ausência, ficou claro que para resistir em uma sociedade como essa somente seria possível através dos estudos, da busca por minha independência.

Reservo meus agradecimentos a minha colega dos semestres finais, Eduarda Nunes, que abraçou o contraste da nossa amizade e acreditou em mim mais que eu. Sem você a experiência em sala de aula tampouco seria a mesma.

Enfatizo a minha gratidão à orientadora Tânia, que acolheu o meu projeto de pesquisa e, desde então, sempre se fez presente a cada pequena alteração na minha escrita. A educadora que, por todos que já passaram por sua metodologia de ensino, compreendem-na como uma “mãezona”, sempre calma, sorridente e preocupada com nosso desempenho e futuro acadêmico. Agradeço pela empatia de reconhecer que o processo de escrita é difícil e pelo encorajamento de continuar.

Em especial, agradeço a imprevisibilidade da vida, que acrescentou à minha jornada acadêmica o amor: meu namorado. Com ele, veio o amor ao tempo que passamos juntos, aos lugares que me fez conhecer, aos sentimentos que pude sentir - e ainda sinto. Sem o seu apoio, sem dúvidas, o processo seria mais difícil. Obrigada por fazer questão de me lembrar que existe uma vida além da rotina cansativa de estudos.

Dedico minhas últimas palavras a todo o corpo docente que contribuiu com minha formação, aos professores Kalina Naro, Silvana Kelly, Luciano Justino, Hermano Aroldo, Tatiana Fernandes, Dalva Lobão e todos aqueles que não foram citados. Agradeço também aqueles que iniciaram esta jornada comigo, meus colegas de turma, que apesar da pouca proximidade, tornaram minha experiência acadêmica mais leve e, até mesmo, divertida. Obrigada.